



CAPA

A tragédia dos Silva

AO COMPLETAR UM ANO DA PRISÃO
POLÍTICA DE LULA, O INFORTÚNIO DA FAMÍLIA SILVA
CONFIGURA-SE NA DESGRAÇA DE UM PAÍS À DERIVA,
ONDE O POBRE É O ALVO PREDILETO

por FRED MELO PAIVA

“Eu não posso aceitar que meu pai esteja preso por causa de um apartamento que a gente nunca foi dono, nunca usou, nunca teve as chaves. Eu sei a verdade desta história, fui nesse apartamento com a minha mãe para ver se ela queria comprar. Se quisesse, poderia ter comprado, tinha condição para isso. O fato é esse. Mas aí inventaram uma mentira absurda e o prenderam. O que eles não entendem é que o Lula, além de ser um líder político, é o meu pai e dos meus irmãos, avô dos meus filhos e sobrinhos, o bisavô da Analua. Nós sofremos muito com isso. Ele tem 73 anos e está numa solitária por um crime que não cometeu. E nós acabamos presos com ele.”

O depoimento, a *CartaCapital*, é de Fábio Luís Lula da Silva. O leitor há de se recordar do Lulinha. Bem antes da mmadeira de piroca, ainda no advento das *fake news*, o filho do ex-presidente Lula

era “o dono da Friboi”, mentira deslavada que por vezes incluía a posse da Oi, além de um avião de 50 milhões de dólares. “A perseguição ao meu pai se estende a nós. Perdemos minha mãe porque ela não aguentou isso. No passado, diziam que o Lula morava no Morumbi e não na nossa casa em São Bernardo. Éramos crianças, e crescemos ouvindo essas mentiras sobre nós, uma loucura. Eu mesmo já fui dono da Friboi, né? Hoje soa engraçado, mas aquilo foi um verdadeiro inferno... Meu pai nunca se preocupou em juntar dinheiro, tanto que mora na mesma casa desde os anos 80. Agora está preso por um crime que nunca cometeu. É revoltante, uma tristeza diária não convivermos com ele.”

A tragédia da família Silva é literal e metafórica. Depois de um ano da prisão política do ex-presidente, a aniversariar neste domingo 7, os Lula da Silva

comem o pão que Sérgio Moro amassou. O juiz tirou do páreo o candidato favorito à Presidência e, a reafirmar nossa vocação bananeira, ascendeu ao poder como ministro do governo que ajudou a eleger. Lula, por seu lado, cumpre pena de 12 anos e um mês numa solitária na Superintendência da Polícia Federal em Curitiba, encalacrado com sentenças e processos que fazem de Kafka literatura infantil.

Durante esse período, o ex-presidente perdeu o irmão Vavá, morto aos 79 anos, e seu neto Arthur, 7, vítima de infecção bacteriana. Filhos e noras fecharam-se em casa, assombrados por problemas financeiros e de saúde, colhidos pelo luto e o medo da violência física, apossados por buscas e apreensões. Metaforicamente, os Silva são também o povão, tamanha a presença do sobrenome na base da pirâmide. No contexto atual, a tragédia de um é a tragédia do outro – ao se aprisionar o Silva que estaria no topo, elegeram-se os Silva da base como o alvo a ser abatido. ▶

Colaborou Rodrigo Martins e René Ruschel,
de Curitiba





Acima, a foto de Francisco Proner no dia da prisão, em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Ao lado, na passeata do Dia do Trabalho, também em São Bernardo, em 1981, registro de Jesus Carlos. As fotos que aparecem nestas páginas e nas seguintes foram leiloadas pelos Fotógrafos Pela Democracia, uma iniciativa em favor do Instituto Lula



CAPA



1. Assembleia dos metalúrgicos no Estádio de Vila Euclides, em São Bernardo, 1979, foto de Juca Martins. 2. Em 80, esperando a intervenção no sindicato do ABC, por Hélio Campos Mello. 3. Ricardo Stuckert registrou Lula e a Juventude do PT em Salvador, 2017. 4. Com Dom Paulo Evaristo Arns em 1989, por Douglas Mansur





5

6



5. Na foto de Lula Marques, o então presidente no assentamento do MST que leva o seu nome, em Eunápolis, Bahia, 2005. 6. No Pantanal, durante a campanha de 1989, por Mônica Maia 7. Com dona Marisa no apartamento do casal em São Bernardo, 1983, por Juca Martins. 8. A posse em 2003, por André Dusek

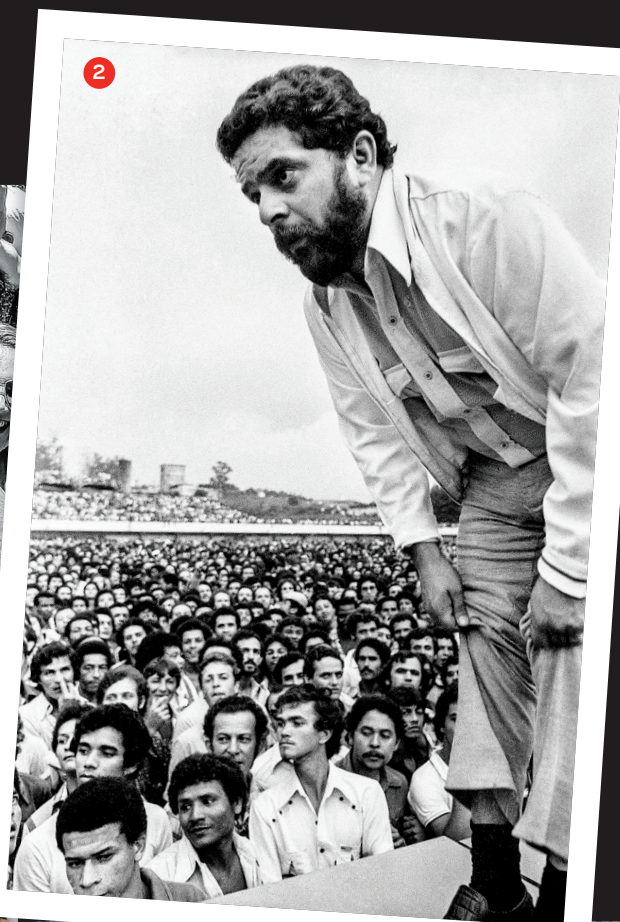
7



8



CAPA



1. Em Barbalha, no Ceará, em 2016, fotografia de Ricardo Stuckert
2. No Estádio de Vila Euclides, em São Bernardo, por Rosa Gauditano
3. Foto de Alberto Veiga em comício contra as privatizações em 2017
4. Em depoimento na Justiça Militar, 1980, por Edu Simões
5. Um Lula livre, por Celso Junior, na Praia da Lagoa Doce, Luis Correia, Piauí



Desde a morte de dona Marisa, filhos e noras de Lula ficaram traumatizados pelo infortúnio e a perseguição. “Quem acompanha de perto sabe a dificuldade que essas pessoas têm”, diz Paulo Okamoto, ex-metalúrgico responsável pelo Instituto Lula e um amigo do ex-presidente desde os tempos do sindicato em São Bernardo do Campo. “Não conseguem trabalhar, não têm tranquilidade para estudar, os netos são hostilizados na escola. Ao condenar o Lula, condenaram a família. Deviam sair do Brasil, mas quem vai fazer isso com um pai na cadeia?”

Tampouco teriam condição para isso, já que atravessam sérias dificuldades financeiras. Estão com os negócios à míngua ou tecnicamente desempregados, à exceção da filha Lurian e do filho Luiz Cláudio, que acaba de assumir um posto de assessoria no gabinete do deputado estadual por São Paulo Emídio de Souza, do PT. Na terça-feira passada, Emídio foi instado a dar explicações à imprensa a respeito de sua escolha, e Luiz precisou esquivar-se dos repórteres. Vai ganhar 6 mil reais por mês. “Que empresário dará emprego a esse pessoal?”, pergunta-se Okamoto. “É sempre a mesma história: ‘Mas os filhos do Lula são ricos, por que estão trabalhando aqui?’”

O pedagogo Marcos, filho mais velho, cuida de um pequeno mercadinho e está tentando montar uma distribuidora de carvão. Depois da morte de dona Marisa, mudou-se com a família para o interior de São Paulo, disposto a refazer a vida. Mas, num episódio nunca esclarecido pelas autoridades, teve a nova casa invadida pela polícia sob o argumento de que buscavam dismantlar uma quadrilha de tráfico de drogas. Levaram computadores, devolvidos mais tarde. Nada foi encontrado.

Desde então, ele e a mulher lutam para superar o trauma, transformado em doença. Todos os outros filhos foram alvos de buscas e apreensões que reviraram

imóveis, recolheram máquinas e documentos. O neto Arthur, filho de Sandro e Marlene, testemunhou a ação quando os policiais foram à casa da família. Não há notícia de que algo de suspeito tenha sido apanhado em qualquer uma das operações. O iPad de Arthur, levado do apartamento de Lula, jamais foi devolvido. Desse processo, Sandro herdou uma síndrome do pânico, hoje sob melhor controle.

Fábio Luís, o Lulinha, é um dos donos da PlayTV, um canal por assinatura que veicula informações sobre música, filmes, *animes* e jogos de computador. Antes, firmara parceria com a Oi para produção de conteúdo jovem para telefones celulares. De “sócio” da empresa

A POLÍCIA FOI À CASA DO FILHO MARCOS PROCURAR DROGAS. SANDRO CONTRAIU SÍNDROME DO PÂNICO

nesse empreendimento foi catapultado pelos antipetistas a “dono da Oi”. Fosse verdade, seria um grande *case* de fracasso, visto que o dono da Oi não consegue mais acesso a empresários capazes de veicular seus reclames no canal.

“Tudo que se relaciona a Lula e ao PT ganhou a marca de uma grande organização criminosa”, diz Okamoto. “A Receita passou a fiscalizar em minúcia e aplicar sanções absurdas. O próprio instituto, por exemplo, foi multado em 15 milhões de reais por desvio de função, mas nos últimos anos arrecadamos uma média de 5 milhões por ano. Como vamos pagar isso? Todas as empresas dos filhos do Lula foram investigadas por tráfico de influência. Se não encontram nada, acabam achando algum problema

de gestão, muitas vezes erros que a gente comete sem nem saber que é proibido. Isso foi minando os negócios.” O filho Luiz Cláudio, que tentou montar uma liga de futebol americano no Brasil, foi denunciado por tráfico de influência pela Operação Zelotes. É réu em um processo e denunciado em outro.

Na cadeia há um ano, Lula não esmorece. “Qualquer pessoa que comete um crime e sabe que cometeu de alguma forma se entrega e apenas torce para pegar uma pena menor”, diz um de seus advogados, Luiz Carlos Rocha. “A diferença para outros réus é a convicção que ele tem de não ter feito nada de errado. Lula faz da sua inocência a sua força motriz. Não admite nem conversar sobre a possibilidade de um indulto nem mesmo de uma prisão domiciliar. Quer ser julgado e inocentado.”

No primeiro dia de visita depois da morte de Arthur, o deputado cearense José Guimarães, do PT, esteve na carceragem da PF. Assim que entrou, abraçou o ex-presidente e passou a dizer-lhe palavras de consolo. Foi interrompido na hora. “Zé, eu tenho 73 anos e ainda estou tentando entender tudo o que aconteceu comigo. Vamos seguir em frente e vamos lutar!”

Há menos de um mês, quando foi comunicado na cadeia sobre o falecimento do neto, repetiu três vezes: “O Arthur? O Arthur? O Arthur?” Chorou por 12 horas. Quando embarcava no helicóptero da polícia, depois de participar do velório em São Paulo, brincou com o próprio infortúnio: “Vocês têm coragem de voar comigo nisso aí?”, perguntou. “Nunca vi um preso com a capacidade de resiliência que ele tem”, disse a *CartaCapital*, sob sigilo, um agente da PF de Curitiba, cuja experiência ultrapassa duas décadas. “Esse é um homem muito forte, extremamente forte. Acredita de verdade que não cometeu crime algum. Entre os presos da Lava Jato, eu nunca tinha visto ninguém assim.”





No Instituto Lula, a sala do ex-presidente permanece intocada, como ele a deixou. Sobre a mesa, os óculos e as provas do livro que já saiu, *A Verdade Vencerá*



Desde 7 de abril de 2018, Lula vive sozinho num espaço de 25 metros quadrados no quarto andar do prédio da PF. Um quarto com banheiro, armário, mesa com quatro cadeiras, uma esteira ergométrica, uma tevê apenas com canais abertos. Na parte da manhã, conversa por uma hora com Luiz Carlos Rocha, a quem chamam de Rochinha. À tarde, recebe o também advogado Manoel Caetano, pelo mesmo período. De resto, permanece isolado no quarto, lendo e assistindo à televisão. Por alguns dias agarrou-se ao catatau de Lília Schwarcz e Heloisa Starling, *Brasil: Uma Biografia*, de 709 páginas. Come a comida

da cadeia, a não ser quando, no dia da visita – às quintas –, chega a “moela da Neide”, prato preferido preparado pela cozinheira do Instituto Lula. A lamentar, a televisão que raramente passa o Corinthians, cujo uniforme, short e camisa, costuma vestir quase todas as manhãs.

No Judiciário, Lula é vítima de um jogo de empurra. O Superior Tribunal de Justiça pode julgar a qualquer momento uma apelação do ex-presidente contra a sua condenação pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do triplex do Guarujá. Há tempos o recurso está pronto para ser analisado

pela Quinta Turma do STJ, mas o colegiado parece aguardar a deliberação do Supremo sobre a validade da prisão após condenação em segunda instância, julgamento que estava previsto para 10 de abril. A pedido da Ordem dos Advogados do Brasil, no entanto, foi retirado da pauta na quinta-feira 4 pelo presidente do STF, Dias Toffoli, aparentemente satisfeito por livrar-se da batata quente. E Lula que se dane. Para o Supremo foi o então presidente quem o escolheu.

No recurso especial interposto no STJ, a defesa apresenta numerosas teses jurídicas para rebater as acusações



contra Lula, condenado por um apartamento que nunca lhe pertenceu. Uma delas é a impossibilidade de se cogitar crime de corrupção sem a identificação de um ato de ofício que tenha sido praticado em contrapartida à vantagem indevida. Em outras palavras, não está claro o que o ex-presidente fez, no exercício de suas funções públicas, para beneficiar as empreiteiras que supostamente o corromperam.

Na primeira instância, Moro chegou a mencionar “atos indeterminados”, figura desconhecida do ordenamento jurídico. A sentença condenatória do TRF da 4ª Região, por sua vez, afirma que o ex-presidente teria praticado atos de ofício ao nomear os ex-diretores da Petrobras Paulo Roberto Costa e Nestor Cerveró. “É um grande equívoco, pois quem nomeia e destitui diretores da Petrobras é o Conselho de Administração da companhia”, diz o advogado Cristiano Zanin Martins, defensor de Lula. “Além disso estar expressamente previsto na Lei das Sociedades Anônimas, fizemos a prova de que aqueles ex-diretores foram nomeados por votação unânime do Conselho de Administração da Petrobras, ou seja, pelos membros indicados pela acionista majoritária, a União, e também pelos acionistas minoritários.”

No caso do sítio em Atibaia, a juíza substituta Gabriela Hardt tampouco apontou o ato de ofício de Lula ao condená-lo, em primeira instância, a 12 anos e 11 meses de prisão. Pior, copiou trechos da sentença de Moro, como comprova uma perícia encomendada pela defesa do ex-presidente. Além de citar “depoimentos prestados por colaboradores e co-réus Leo Pinheiro e José Adelmário”, como se fossem pessoas diferentes. Leo é o apelido de José.

Lula também aguarda um posicionamento do Comitê de Direitos Humanos da ONU sobre o seu caso. Na reclamação, foi apontada uma série de violações ao Pacto Internacional sobre Direitos

“NUNCA VI UM PRESO COM A RESILIÊNCIA QUE ELE TEM”, DIZ UM AGENTE DA PF DE CURITIBA

Civis e Políticos, como a ausência de um juízo imparcial e o desrespeito à presunção de inocência. Composto de 18 juízes de diferentes nacionalidades, o grupo reúne-se três vezes por ano. Ao longo do processo, pronto para ser julgado, a defesa do ex-presidente fez várias atualizações. Recentemente, levou ao conhecimento do Comitê as circunstâncias envolvendo a nomeação do ex-juiz Moro para o cargo de ministro da



A Vigília Lula Livre, em frente a sede da PF em Curitiba, por onde já passaram 200 mil apoiadores. Ao lado, a família reunida: Marcos, Lulinha, Sandro, Lula, Lurian e Luís Cláudio

Justiça de Bolsonaro, principal beneficiário político da prisão de Lula.

Não que este julgamento possa mudar o destino de Lula. Em 2018, o Tribunal Superior Eleitoral mandou às favas o protocolo internacional e indeferiu a candidatura de Lula mesmo após o Comitê da ONU determinar que o Estado brasileiro lhe assegurasse o pleno exercício dos direitos políticos enquanto estivesse preso. Na verdade, a lei tem sido sistematicamente desrespeitada desde a fase dos inquéritos. Em artigo publicado há um ano e meio por *CartaCapital* (e reproduzido à pág. 30), o jurista italiano Luigi Ferrajoli, professor da Universidade de Roma e melhor aluno de Norberto Bobbio, viu em Moro a figura de um juiz inquisidor que “promove a acusação, formula as provas, emite mandados de sequestro e de prisão, participa de conferência de imprensa ilustrando a acusação e antecipando o juízo e, enfim, pronuncia a condenação de primeiro grau”. Hoje, ministro da Justiça, é também o chefe da carceragem da PF.

A tragédia de Lula, frisa-se, é a tragédia dos mais pobres. Além do direito ao voto restringido, viram seus direitos trabalhistas saqueados durante o governo Temer e, agora, têm a aposentadoria ameaçada pela reforma de Bolsonaro. As maldades são impostas sempre em nome de elevados propósitos, como o crescimento econômico e a geração de empregos. As promessas, contudo, nunca resistem à realidade. Há 13 milhões de desempregados, cerca de 33 milhões na informalidade. Afora outros aspectos, pesa sobre os tantos Silva das periferias o pacote anticrime que Moro pretende aprovar, e que propõe perdão judicial aos policiais que matam em serviço. Na prática, uma chancela à “pena de morte” que já se pratica contra pretos e pobres nos subúrbios das grandes cidades. Um alento, também, às milícias que aterrorizam especialmente as comunidades cariocas.

O CARRASCO

Do perdão duplo para Alberto Youssef a funcionário do governo que ajudou a eleger, eis a trajetória de um juiz apenas possível numa república de bananas

JUN/2016

O presidente da OAS, Léo Pinheiro, tenta fechar acordo de delação. Negociações travam depois de ele inocentar Lula.

2004

Aos 31 anos, o juiz Sérgio Moro homologa o primeiro acordo de delação premiada do Brasil, com o doleiro Alberto Youssef, condenado a sete anos de prisão no caso Banestado. A pena é reduzida para apenas um ano.



2009

Moro participa de um treinamento de “combate à corrupção” oferecido pelo Departamento de Estado americano, conforme revelou um documento vazado pelo WikiLeaks.

2014

Reincidente, Youssef é de novo beneficiado por um acordo de delação com o juiz Moro, desta vez no âmbito da Operação Lava Jato. No lugar dos 122 anos por lavagem de dinheiro, organização criminosa, corrupção ativa e passiva, cumpre 2 anos e 8 meses em regime fechado e 4 meses em seu condomínio de luxo.

MAR/2016

Na 24ª fase da Lava Jato, Lula é alvo de condução coercitiva pela PF, que vasculha sua casa, a casa de seus filhos e o Instituto Lula. Nada de suspeito é encontrado.

Moro divulga gravação ilegal de conversa da presidenta Dilma com Lula, então nomeado para a Casa Civil, e vaza conteúdo para o *Jornal Nacional*. A posse de Lula é suspensa por Gilmar Mendes.

JUL/2015

Moro renova as prisões preventivas de Marcelo Odebrecht e outros executivos da empreiteira, sem qualquer justificativa jurídica que se sustente.



SET/2016

Moro decreta a prisão preventiva de Léo Pinheiro, também sem qualquer justificativa jurídica que se sustente. No mesmo mês, aceita a denúncia do MPF sobre o triplex do Guarujá (apresentada em risível arquivo de PowerPoint). Lula vira réu pela primeira vez.

ABR/2017

Léo Pinheiro troca de advogados e muda a versão sobre o triplex do Guarujá. Não apresenta nenhuma prova.

AGO/2017

Moro aceita denúncia do MPF sobre o sítio de Atibaia e Lula vira réu pela sexta vez.

JAN/2018

A condenação de Lula por Sérgio Moro tramita em velocidade recorde na Justiça Federal, o TRF4 confirma a sentença e aumenta a pena para 12 anos e 1 mês. Se mantida a pena anterior, o "crime" estaria prescrito.

NOV/2016

Moro aceita denúncia da força-tarefa da Lava Jato que acusa Lula de ter se beneficiado de terreno comprado pela Odebrecht que seria destinado ao Instituto Lula, e também de ter o aluguel de seu apartamento em São Bernardo pago pela empreiteira. As negociações teriam sido feitas por Antonio Palocci e descontadas da "Planilha Italiano". O ex-presidente torna-se réu pela quinta vez.

JUL/2017

Por "fatos indeterminados", Lula é condenado a 9 anos de prisão por Sérgio Moro no caso do triplex do Guarujá. Seus bens são bloqueados.

DEZ/2017

Lula dispara em pesquisa para presidente, ultrapassando os 50% em todos os cenários medidos pelo Datafolha para o segundo turno das eleições.

NOV/2018

Numa eleição marcada pela disseminação de notícias falsas e pelo vazamento de novos trechos da delação de Palocci às vésperas da votação, Bolsonaro é eleito presidente. Moro aceita ser ministro da Justiça do novo governo.

AGO/2018

Decisão do Comitê de Direitos Humanos da ONU determina que Lula tem o direito de concorrer nas eleições para presidente. TSE ignora a decisão e rejeita a candidatura.



JUL/2018

O desembargador Rogério Favreto, do TRF4, concede *habeas corpus* ao ex-presidente. Moro, juiz de primeira instância, age para desqualificar a decisão do desembargador. Lula permanece preso.

MAI/2018

A ONU confirma que está investigando violações contra o direito à defesa de Lula.

ABR/2018

Lula é preso por determinação de Moro.

É certo que uma infinidade dos Silva escolheu Bolsonaro, a reafirmar que a senzala resiste. Mas resistem também os mais de 200 mil que neste último ano passaram pela Vigília Lula Livre, hoje abrigada em um terreno alugado em frente à sede da PF em Curitiba e coordenada pela Frente Brasil Popular. Espécie de acampamento transformado em “centro cultural”, de lá ecoam o “Bom dia, presidente!” e o “Boa noite, presidente!”, um grito de muitas vozes quando se tranca e destranca a cela de Lula, pela manhã e no fim da tarde. “Aquilo é de uma importância fundamental na vida dele”, diz Rocha. “Ouvir de longe aquelas pessoas dá muita força a ele na solidão do cárcere.” Entre os dias 7 e 10 de abril, estão marcadas

manifestações por Lula Livre em todo o País e mais 15 cidades do mundo.

Sempre sozinho na cela durante os fins de semana, Lula dedica-se a ler uma montanha de cartas que lhe chegam depois da triagem feita numa sala térrea do Instituto Lula, onde a imersão exige um coração valente. Há escritos de todo tipo.

“VOCÊ VAI SAIR DESSA”, ESCRVEU UMA SENHORA. POR FIM, ASSINOU COM A DIGITAL DO POLEGAR



No Instituto, cartas e cartas se avolumam, no afago ao ex-presidente

365 DIAS DE INJUSTIÇA

POR GUILHERME BOULOS



No dia 7 de abril de 2018 cheguei cedo ao Sindicato dos Metalúrgicos. Fui direto a uma sala no subsolo, onde encontrei Lula sozinho, tomando seu café, que seria o último em liberdade naquele ano. Os dias anteriores tinham sido intensos em São Bernardo do

Campo. Milhares de apoiadores cercaram o sindicato, idas e vindas de advogados e militantes, perante o dilema do que fazer com uma ordem de prisão injusta e evidentemente política contra a maior liderança popular do País.

Apesar de toda a confusão, Lula estava sereno e decidido

naquele café. Não via outra opção a não ser cumprir a determinação e entregar-se. Talvez porque a reação popular não tenha sido a suficiente para uma resistência maior, amortecido que estava o povo após três anos de massacre midiático contra sua figura. Talvez porque avaliasse que as cortes superiores da Justiça teriam a dignidade de interromper rapidamente uma prisão sem fundamento como aquela. Talvez, o mais provável, pelas duas razões combinadas.

O fato é que, depois de um dia turbulento, inclusive com tentativa de bloqueio de parte da militância, Lula foi preso. Não sem antes fazer um discurso sobre sua trajetória e os desafios que via adiante, que ficará para a história como uma de suas mais célebres intervenções. E saiu no meio do público, carregado por meu amigo e companheiro Batoré.

Passados 365 dias, as injustiças só se avolumaram. Viu seu *habeas corpus* ser negado pelo Supremo Tribunal Federal, sua candidatura à

Presidência ser indeferida pelo TSE, foi impedido de dar entrevistas para a imprensa – mesmo com inúmeros precedentes em contrário – e até mesmo de ir velar seu irmão Vavá, morto no fim de janeiro. É vítima de uma vingança mesquinha e sádica, que opera na lógica da “justiça do inimigo”. As peripécias de ministros do Supremo, a começar pela então presidente Cármen Lúcia, para não votar o tema das prisões em segunda instância, assim como o voto casado na dosimetria pelos desembargadores do TRF4, entrarão para os anais dos casuísmos mais escandalosos do Judiciário brasileiro.

Não bastassem as injustiças, vieram as provações. Lula foi submetido a perdas que derrubariam qualquer um: após Marisa, sua companheira de vida, e o irmão Vavá, veio o pequeno Arthur. Perder um filho ou neto talvez seja uma das dores mais antinaturais e inconsoláveis, uma dor que ele, Marlene e Sandro compartilham com milhares de mães, pais e avós que perdem seus jovens



Uma pessoa de Anita Garibaldi, em Santa Catarina, diz que o pai costumava ouvi-lo no rádio, mas que só viram seu rosto depois que o projeto Luz para Todos permitiu que ligassem uma televisão. Outro escreve a cada três dias. Há uma profusão de jovens que se formam e correm a agradecer a chance que lhes foi dada pelos programas de bolsas e cotas em universidades. De Palmópolis, Minas Gerais, uma senhora diz que Lula “com Bolsa Família matou a fome de muita gente e hoje está nessas condições”. Mais adiante, “sei que sua companheira faltou e que você não pode chorar de tanta tribulação (sic). Pela fé que tenho em Deus você vai sair dessa”. A carta, ditada, tem por assinatura a digital de seu polegar. •

na carnificina das periferias urbanas, neste caso por “morte matada”.

Lula tinha uma relação especial com Arthur, que morou um tempo na sua casa. Certa vez, algumas semanas antes de ser preso, Lula me disse numa conversa: “Conviva mais com suas filhas, Guilherme. Uma das coisas que mais me entristecem foi não ter podido ver meus filhos crescerem”. E completou: “Agora quero ver meus netos crescerem”.

No enterro de Arthur, ele estava destroçado, como qualquer avô estaria. As insinuações em contrário e as provocações de alguns mostram até onde o cretinismo pode habitar um ser humano. Mas, apesar dos golpes do destino, Lula resistiu a esse ano de prisão de forma altiva e corajosa. Não buscou acordos que o diminuiriam nem deixou de expressar suas opiniões sobre o País, pelas vias indiretas que sobraram. Quase ganhou uma eleição de dentro da cadeia. E foi assim — lúcido, bem-humorado e querendo debater o Brasil — que o encontrei em novembro,

quando fui visitá-lo em Curitiba. O mesmo Lula de sempre. Mais indignado, é verdade, e com razão.

Neste ano que passou, ficou ainda mais claro para o Brasil e o mundo que se trata de uma prisão política. A nomeação de Sérgio Moro para o Ministério da Justiça de Bolsonaro, colhendo os frutos como político de suas definições como juiz, dissiparam dúvidas sinceras que ainda podiam existir. Até mesmo juristas, políticos e colonistas que não podem ser acusados de simpáticos ao PT ou à esquerda passaram a manifestar seu incômodo. Incômodo que só aumenta quando se veem políticos com crimes comprovados andando livres por aí: de um lado, condenação sem provas, de outro, provas sem condenação. Defender sua liberdade é um dever da opinião pública democrática. Não tenho dúvidas de que o período de prisão de Lula passará para a história como uma prisão política e injusta.

A questão é o quanto ainda durará. Está nas mãos do Superior Tribunal de Justiça

reformular as sentenças de Curitiba e Porto Alegre no julgamento do mérito, que deverá ocorrer nas próximas semanas. Resta saber se terá coragem. Está nas mãos do Supremo Tribunal Federal fazer valer a Constituição e tirar das prisões aqueles que não tenham condenação transitada em julgado, ressalvados os casos expressos em lei. Exatamente por este julgamento afetar Lula, tem sido adiado a perder de vista. Resta saber se o Supremo, que em outras matérias tem sido um importante contrapeso, em relação a esse caso permanecerá ou não acovardado.

Mas, além dos recursos judiciais, a liberdade de Lula depende também da sociedade. Lula foi preso por razões políticas e dificilmente será libertado sem que a pressão social e da opinião pública interfira na política. Assim é a vida. A mudança da correlação de forças é decisiva para o destino de Lula e o desgaste precoce do governo Bolsonaro é parte dessa equação. O que está nas mãos da esquerda e dos movimentos sociais que,

de maneira bastante unitária, compõem a Campanha Lula Livre é intensificar o debate público e a mobilização. Não adianta culpar amargamente o povo, seja por ter eleito Bolsonaro, seja por não se levantar massivamente contra a prisão de Lula e em defesa dos seus direitos. Isso apenas alivia crises de consciência e oculta confortavelmente os próprios erros.

Para interromper essa injustiça é necessário seguir o esforço de reaquecer as ruas com um forte movimento social em que o Lula Livre — como parte da luta democrática — esteja ao lado da defesa dos direitos e da soberania nacional.

Uma Frente Ampla que construa oposição ao desgoverno de Bolsonaro, defendendo as pautas sociais da maioria do povo brasileiro, exigindo justiça por Marielle Franco e o fim da prisão política de Lula. Espero que no dia 7 de abril de 2020 não precisemos fazer nova jornada de mobilização. Que Lula esteja fazendo parte desta Frente e podendo ver seus netos crescerem.